

Tipografia Digital

O livro perfeito para quem gosta de fontes

O Macintosh (em 1984) e a linguagem PostScript (em 1985) revolucionaram a tipografia de um modo tão avassalador que fica difícil imaginar como o “designer” Gutenberg criava e manipulava uma família de letras na Renascença. Somos felizes com nossos HDs abarrotados de fontes e programas que parecem fazer quase tudo quando se fala em layout de página. Mas de onde surgiram as convenções que regem a construção das letras? Qual a posição do tipógrafo como criador? Por que alguns insistem em criar fontes excêntricas quando já temos tantas fontes “consagradas” e “úteis”? Quais os limites da legibilidade? E do ponto de vista de quem, do homem ou do computador? As respostas estão no livro “Tipografia Digital, o Impacto das Novas Tecnologias”, de Priscila Farias. O título já nasce como uma raridade, pois o assunto não possui tradição alguma na bibliografia brasileira. Como qualquer interessado pelo desenho de alfabetos, a autora teve que ler livros e mais livros em inglês. E nos dá, mastigadinho, uma maravilhosa introdução ao desprezado universo da tipografia.

Bem escrito e bem ilustrado, o livro nos leva da Coluna de Trajano às fontes randômicas mutantes, passando por exuberâncias caligráficas do século XVI e experiências psicodélicas dos anos 70. Expõe o ponto de vista de criadores tradicionais e a resposta coerente de tipógrafos modernos. Apresenta-nos conceitos como o “espírito das letras” e projetos de software que tentam captá-lo. Discute as fórmulas ordenadas do Estilo Internacional e a caótica diversidade dos neo-modernistas e pós-estruturalistas, destrinchando as fontes em categorias como “processadas/manipuladas”, “sampleadas” e “vernaculares industriais” (uau!).

Num país carente de informação sobre a tipografia, um livro que fala de poetas futuristas, Emigre, Construtivismo, Brody, Lubalin, bitmaps, Carson, Bauhaus, Didot e Zapf Dingbats é um bálsamo. Ponto para a editora 2AB, que acaba de lançar uma série de livros sobre design. Espero que o livro esgote rapidamente, permitindo que a reedição corrija uma infundável lista de erros de digitação e, com sorte, ganhe uma nova capa. **M**

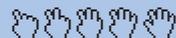


“A polêmica em torno da (i)legibilidade das tipografias das décadas de 80 e 90 pode ser dividida em duas vertentes: uma diz respeito à popularização dos meios de produção, que teria levado a uma grande diversidade de fontes, talvez excêntricas demais; e outra, já um tanto superada, diz respeito

aos próprios meios digitais enquanto suporte adequado para a tipografia.

Se a linguagem PostScript e as impressoras de última geração parecem ter dado um fim ao problema do serrilhado típico dos computadores para saídas impressas, problemas de espaçamento, inconsistência no desenho e baixa legibilidade nas telas de computadores ainda persistem. Embora muitos dos princípios dados como certos na tipografia impressa não possam ser aplicados diretamente à tipografia “em tela”, os problemas que dizem respeito ao design de tipos podem ser resolvidos a partir da edição dos bitmaps de uma fonte, como no caso da família Base de Zuzana Licko. Na verdade, até mesmo uma fonte radicalmente fora dos padrões pode se tornar, nesse sentido, mais “legível” se tiver seus bitmaps editados do que uma fonte tradicional gerada automaticamente para a tela a partir de seus contornos. Quanto à excentricidade excessiva de certas fontes contemporâneas, é curioso notar que até mesmo o modernista Frutiger era capaz de detectar um certo “propósito” na “zona harmônica” em torno do “traço esquemático básico da letra, onde o tipo adquire personalidade própria” (Frutiger 1995 [1978]:149), muitas das críticas feitas às fontes ditas “pós-modernas”. Nesse sentido, essas tipografias seriam ilegíveis por serem visíveis demais.”

TIPOGRAFIA DIGITAL, O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS



Autor: Priscila L. Farias

Editora 2AB: (021) 507-8765

Preço: R\$ 22,00